

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê Confluências Entre
Literatura, História e Memória e
Outros Campos do Saber

e-ISSN 1983-1498

VOL. 12 - Nº 19 - 2016

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 61-79

LITERATURAS, MITOS E IDENTIDADES NO PROCESSO DE “DECOLONIZAÇÃO” DA AMÉRICA LATINA

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos¹

RESUMO: Este trabalho se propõe como leitura e análise da reflexão teórico-crítica e de narrativas literárias que têm como base os “relatos” oriundos da cultura ameríndia e o consequente “conflito” com o pensamento pós-colonialista. Segundo uma prática de leitura comparatista, procura-se reler o discurso crítico sobre a América Latina em consonância com o que se produziu na esteira de Ángel Rama, por exemplo, e em especial sob a perspectiva da “decolonização” decalcada do pensamento crítico de Walter Mignolo: *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas* (2012). Desse ângulo, propõe-se uma leitura da obra *América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos* (2013), de autoria da brasileira Rosana Rios, que recupera narrativas ameríndias, e de obras do escritor caribenho/sanandresano, Jimmy Gordon Bull, como *Legado de piratas* (2010), dentre outras, cujo autor realiza, a partir do arquipélago de San Andrés, um resgate cultural desta região do Caribe Insular. Como resultante da seleção do “corpus”, bem como da problematização da leitura enquanto lugar de enunciação, o trabalho reflete-se na sua peculiar forma ensaística operando num espaço de reapropriação de vozes silenciadas e/ou literaturas imigrantes e identidades em trânsito. Aos mitos desses povos, superpõe-se um legado de piratas a serviço da Coroa, do colonialismo, em sequiosa pilhagem econômica e cultural. Vários pontos conectam as narrativas desses dois escritores, dentre os quais conflitos fronteiriços, que ressamam a intervenções epistemológicas fronteiriças enquanto chave de leitura-desleitura-desaprendizagem da “decolonização”, em uma forma de confrontação com a reflexão crítica, pois que procuram refletir nesse encontro um modelo de um pensamento e produção do conhecimento “decolonizadores”.

PALAVRAS-CHAVE: Rosana Rios; Jimmy Gordon Bull; pós-colonialismo, decolonização; América Latina; Caribe, mitos indígenas; crítica literária e cultural; ameríndia; pirataria.

ABSTRACT: This paper aims at reading and analyzing of the theoretical and critical reflection and of literary narratives that have been based on accounts from Amerindian culture and the consequent conflict with postcolonialist thought. According to a practice of comparative reading, it seeks itself to re-read the critical discourse about the Latin American in consonance with what it has produced itself from Ángel Rama, for example, and in special from the perspective of the “decolonizing” modeled on critical thought of Walter Mignolo: *Learning to Unlearn - Decolonial Reflection from Eurasia and Americas* (2012). From this angle, it is proposed a reading of the work “*América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos* (2013), by the

Brazilian Rosana Rios, that recovers Amerindian narratives, and of works of the Caribbean/Sanandresian writer Jimmy Gordon Bull, as "*Legado de piratas*" (2010), among others whose author realized from the San Andrés' archipelago, a cultural rescue of this region from insular Caribbean. As a result of the "corpus" selection, as well as of the reading problematization while an enunciation place, the paper is reflected in its essayistic peculiar form operating in a space of reappropriation of silenced voices and/or immigrants literature and identities in transit. The myths of these peoples are superposed by a legacy of pirates to the service of the crown, of the colonialism, in an economic and cultural thirsting pillage. There are several points that connect the narratives of these two writers, among which border conflicts, that require the border epistemological intervention while reading-misreading-unlearning clave of the "decolonizing", as a way of confrontation with the critical reflection, since they seek to reflect in this meeting a model of a thought and production of knowledge "decolonizers".

KEYWORDS: Rosana Rios; Jimmy Gordon Bull; Postcolonialism; Latin American; Caribbean; Indigenous myths; literary and cultural criticism; Amerindian; Piracy

I

"Nascidas de uma violenta e drástica imposição colonizadora que cega, não ouviu as vozes humanistas de quem reconhecia a valiosa alteridade que descobriam na América; nascidas da rica, variada, culta e popular, enérgica e deliciosa civilização hispânica no ápice de sua expansão universal; nascidas das esplêndidas línguas e suntuosas literaturas da Espanha e Portugal, as letras latino-americanas nunca se resignaram com suas origens e jamais se reconciliaram com seu passado ibérico".

Ángel Rama. "Literatura e Cultura" (2001, p. 239)²

Dos mais representativos relatos acerca de "nuestra america", *A cidade das letras*, de Ángel Rama (escritor uruguaio e crítico literário, fundador e diretor da Biblioteca Ayacucho), acaba de ser reeditado no Brasil, e sua leitura/desleitura remete ao fato de que Colombo, em 1492, aportou no Caribe. Isto nos leva a retomar hoje, no âmbito da América Latina, de nosso subcontinente, atravessado por rasuras e ranhuras que caracterizaram a colonização, todo o legado cultural que arrasta desde sempre o registro de uma tradição oral, na qual, tanto as narrativas literárias aí produzidas quanto os inúmeros relatos míticos dos vários povos indígenas, reforçam espelhando o processo de apagamento e desleitura das histórias dos povos ameríndios. Bem como, e ao passo que alertam para uma particular abordagem das produções culturais em consonância com o discurso crítico que se

produziu na esteira de Ángel Rama, em especial sob a perspectiva da “decolonização”, segundo o pensamento crítico de Walter Mignolo: *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas* (2012). Assim, de Rama a Mignolo, propomos verificar um percurso crítico que, alinhado ao pensamento crítico de Zulma Palermo (2005a), por exemplo, visa a demonstrar, por um lado, a compleição de um discurso crítico na América Latina, com uma expressiva produção de teorias e crítica; e, por outro, evocar por meio de alguns textos literários e/ou culturais um representativo *corpus* no qual nossos escritores e nosso substrato cultural emergem em contraponto e fundamento de um *locus* de enunciação próprio ao subcontinente. Obras como a da brasileira Rosana Rios, *América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos* (2013), e a do escritor caribenho/sanandresano Jimmy Gordon Bull, *Legado de piratas* (2010), *As oscuras, pero encendido* (2001), *Meridiano 82 La ruta de la langosta* (2010), ilustrarão nossa reflexão.

//

Retomando. A referência inicial ao livro de Ángel Rama, necessária, não se faz mera ilustração³. Os que o conhecemos, como Hugo Achugar e Vargas Llosa, reconhecemos sua importância emblemática para toda a crítica da “decolonização” – palavra que empregamos segundo o registro de Walter Mignolo (2012). Em *La Ciudad Letrada* [*A cidade das letras*] de 1984, das mais festejadas de Ángel Rama, lêem-se os encomiásticos “prefácio” e “prólogo” que o escritor Vargas Llosa e o crítico Hugo Achugar, respectivamente, escreveram para esta edição. Como na epígrafe acima, estes dois textos parecem justificar-se por si próprios, pois em “Ángel Rama: a paixão e a crítica”, Vargas Llosa, prefaciando em 1983, logo após a morte de Rama, enfatiza:

Nesse ensaio, Rama mostra a maneira complexa como as diversas circunstâncias históricas, culturais e sociais contribuíram para que surgisse a corrente literária que ‘descolonizou’ nossa sensibilidade e, alimentando-se com audácia e liberdade de tudo o que as vanguardas europeias ofereciam e das nossas próprias tradições, fundou a soberania poética do continente. (LLOSA, 1985, p. 9)

Por sua vez, Hugo Achugar, no aludido “prólogo”, escrito em 1984, também destaca em relevo o pensamento crítico de Rama: “Entender que assim como Simón Bolívar e Neruda, Martí, a poesia nahuatl, o pensamento socialista, a poesia da independência, Huaman Poma de Ayala, Machado de Assis, Cortázar e Lezama são o

desenho de uma herança cultural, é parte de seu magistério.” (ACHUGAR, 1985, p. 16). E, assim, de forma arrebatadora, sintetiza o projeto de Ángel Rama:

Leitura da história cultural que permite aproximarmos do presente contemporâneo do continente, *A cidade das letras*, de Rama, abandona as estreitas lentes do engomado e retórico legado oficial com que nos entulham as Academias e os Messias cívico-militares – essas duas deformações do poder – que assolaram nossas nações. (ACHUGAR, 1985, p. 18)

Com efeito, o que se constata desta perspectiva é uma crescente reflexão, com fulcro na “decolonização”, a qual o pensamento de Rama não só se inclui como se torna modelar de um paradigma crítico. Quer dizer, seja em *Transculturación*, ou particularmente nas discussões sobre a noção de “comarcas culturais”, e sobretudo da retomada desta ideia, para a explicação e uma produtiva reflexão incidindo no espesso tecido das regiões e localidades, o subcontinente latino-americano redesenha-se como lugar da crítica: ilustrativo disso é o ensaio “Las comarcas culturales latinoamericanas (Discusión de una hipótesis de Ángel Rama)”, de Pablo Rocca (2005), outro crítico uruguaio.⁴ Em unísono, representativas vozes latino-americanas passam a compor esse matizado leque crítico, propondo, inclusive, como o faz Zulma Palermo (2004, 2005a, 2005b), a vocalização de uma crítica “fronteriza” e “desde la outra orilla”, que de fato desenvolve a partir da discussão de pensadores “fronterizos” – Hommi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, dentre outros –, para recuperar essa particular ideia do intelectual enraizado no local “periférico” e de suas teorizações enquanto expressões de um lugar “entre médio”, a qual Bhabha chamara “in between”. (Cf. PALERMO, 2004, p. 241)

A partir daí, Zulma Palermo, no ensaio “Exterioridad / interioridad del conocimiento. “Sobre” / “en” América Latina” (2005b), aborda o desenvolvimento teórico da / sobre a América Latina através de várias intersecções, sendo uma delas a proposta centrada na análise epistemológica que propõe uma crítica ao pensamento da modernidade a partir da América Latina. (PALERMO, 2005b, p. 182) Falando em diferença epistêmica como vocação “latinoamericanista”, explora a vocação de pensar o pensamento a partir de outros lugares hegemonzados pelo ocidente, sobretudo os que lhe interessam que são os estudos em torno do Cone Sul (Argentina), examinando a “desestetização” dos produtos da cultura para além dos critérios disciplinares (disciplinários) do paradigma da modernidade. Ou seja: “Se trata de la importancia de pensar el objeto de estudio desde la interioridad o exterioridad de su lugar cultural, es decir en la diferencia de teorizar *sobre* o *en* América Latina.” (p. 185). Como salienta bastante enfaticamente, acerca do lugar de enunciação – por parte

dos processos de enunciação em América Latina –, já expandindo o discurso pós-colonial, em busca de “outras” epistemes, como têm demonstrado na prática importantes pensadores latino-americanos:

Para estos estudiosos, las “innovaciones” procedentes de la academia del norte resultan ser, en el mejor de los casos, parciales y, por lo general, poco informadas sobre los desarrollos preexistentes. No parece ser otro el sentido que indican las categorías *transculturación* acuñada por Fernando Ortiz y reformulada por Ángel Rama; *fagocitación* propuesta por Rodolfo Kush; *entre lugares* en la traslación de Silvano Santiago; *borderland* en el hispaninglish de Gloria Anzaldúa; *neplanta* de la vertiente náuhatl precolombina revitalizada por Walter Mignolo. Todas ellas comparten su punto de partida en la colonialidad temprana y se localizan en la conflictividad misma que produce el desplazamiento e las lenguas e conquista (español y portugués) en la historia de la modernidad, salvo la propuesta de Anzaldúa que, sin embargo, parece significar un similar conflicto cultural en el caso de los hispanos en U.S.A. en los tiempos actuales (Mignolo, 2000). (PALERMO, 2005b, p. 187-188)

Assim, ao problematizar a prática dos estudos pós-coloniais no subcontinente, Palermo sinaliza, diríamos, para o compromisso do lugar que estudiosos marcados pela experiência do exílio, do trânsito, da passagem, refletidos em sua própria condição de desterritorializados, tratariam de confrontar em sua reflexão dentro de um lugar cultural e epistemologicamente novo –, que deveria pelo menos ser posto em “negociação”.

Ou seja:

Esta cartografía localiza a los teóricos latinoamericanos en dos latitudes: en sus propios lugares de pertenencia buscando generar conocimiento *desde y en su* cultura y como migrantes o exilados en el flujo de transacciones epistémicas – que también son ideológicas – entre norte y sur o definitivamente radicados fuera de sus espacios de origen. [...] para proponer formas de conocer emergentes de la diferencia cultural, sin hablar desde la subalternidad cuya tradición ha venido reproduciendo la mirada y la palabra del amo. (PALERMO, 2005b, p. 191)

Já agora, se não desde o início, estamos a formular a ideia nuclear de Walter Mignolo, em seu livro citado, *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas*, publicado em 2012 pela Ohio State University Press, de Columbia. No capítulo introdutório, em título por si só sugestivo, “Learning to Unlearn: Thinking Decolonially” (p. 1-28), Mignolo aprofunda as dimensões de uma proposta crítica fundada na reflexão acerca da “decolonialidade”, traduzindo

não só uma perspectiva de diferença no olhar crítico, um outro modo de olhar, interessado nas matrizes socioculturais do subcontinente, em sua originalidade, e em assimilação dos conflitos e intervenções epistemológicas fronteiriças. Essas enquanto chave de leitura-desleitura--desaprendizagem da “decolonização” tanto como modelo de um pensamento quanto de produção do conhecimento “decolonizadores” . Segundo Mignolo, é necessário deixar claro antes de tudo que é tempo de “learning to unlearn / aprender para desaprender”, como uma assunção dentre outras, dentro da ordem da reaprendizagem. Quer dizer: toda uma particular estrutura conceptual originou-se segundo um modelo – modernidade *vs.* colonialidade *vs.* de/colonialidade –, que não só foi “localizado” *na* ou *sobre* a América do Sul, mas que, na realidade, não é limitado à América do Sul e o Caribe. Sobretudo, antes e acima desta explicação do mundo, segundo a estrutura do pensamento colonial moderno, convolaram-se teorias que seriam particulares, originárias do terceiro mundo, bem como, ao refletirem esta ordem, também traduziam um “lugar” válido para indivíduos do terceiro mundo, “black and gay people”, “black or gay intellectuals”, em marcado grau de superioridade em relação àquele indivíduo Branco e heterossexual. Como enfatiza o autor:

This modern and imperial way of thinking is coming to its end. But we know that the belief that the Whites have knowledge and the Indians have Wisdom; the Blacks have experience and the Whites have philosophy; the Third World has culture and the First World has science unfortunately is still well and alive. And what we say is that it is time to start learning to unlearn this assumption among others in order to relearn. (TLOSTANOVA ; MIGNOLO, 2012, p. 3)⁵

Palavras que ressoam sob o título, “The Logic of Coloniality and the Limits of Postcoloniality: Colonial Studies, Postcoloniality, and Decoloniality”, do capítulo 1 (um) onde Mignolo adverte:

Postcolonial studies seem to dwell in a skin different from ours and in need of the knowing subject and know object is implied in both the notion of “study” and the notion of “theory”. For that reason, postcolonial studies do not alter the internal discourses inherent in and fundamental to modernity, such as progressivism and developmentalism: both are implied in the prefix “post”. (TLOSTANOVA; MIGNOLO, 2012, p. 35)

E, conseqüentemente, quando sublinha sua perspectiva crítica em relação ao modelo crítico do discurso pós-colonial, como se lê na passagem seguinte:

And the knowledge produced from the colonial wound is not knowledge that aims to change the “disciplines” but rather to “decolonize” knowledge, to undo imperial and colonial differences, ontologically and epistemically. [...] Learning to unlearn confronts us (scholars, intellectuals, students, professors, professionals of all sorts, officers of the state, and corporations officers), with the necessity of delinking from the naturalized vision of society (the idea of Humanity, of happiness and reward, of a vertical structure of power) that was created in the sixteenth century by monarchies and the Christian church, the mutated into the secular project (secularism) that brought the European bourgeoisie into the state and the Industrial Revolution and into reframing of the economy. (TLOSTANOVA ; MIGNOLO, 2012, p. 36)⁶

Com feito, a proposta de Walter Mignolo já viera anunciada em “El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto”, de 2007, ensaio teórico-crítico onde se assenta a base de sua reflexão.⁷

III

Afora o projeto teórico-crítico e estético de Gloria Anzaldúa, reconhecida escritora chicana, particularmente em *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza* (1987), podemos evocar ainda as obras *The Lady Matador's Hotel*, de Cristina García, *A história do ventríloquo*,⁸ de Pauline Melville, bem como *Uma flor na solapa da miséria*, de Douglas Diegues, esta escrita em “portunhol selbaje” da fronteira Brasil-Paraguai. Tais escrituras fomentam intensivamente as literaturas imigrantes, de identidades em trânsito, proporcionando a criação de uma obra como a de Gloria Anzaldúa, que envolve o surgimento de um rótulo em particular, o de literatura chicana, resultante do solo cultural da fronteira México – Estados Unidos. Assim, Anzaldúa recupera em sua narração tudo o que a fronteira e o hibridismo cultural representam não só na vida dos chicanos, mas na de povos fronteiriços, uma vez que, segundo Fleming, a composição de “un estilo fronterizo” sublinharia “un mundo de frontera [que] reclama necessariamente un estilo fronterizo” (FLEMING, *apud* ALVES-BEZERRA, 2008, p. 50)⁹.

De um modo geral, *Borderlands / La frontera* não é apenas uma obra literária chicana sob o ponto de vista de uma narradora / personagem lésbica / feminista / mestiça, mas um vasto material de estudo em torno de uma terceira cultura formada entre México--Estados Unidos, da história e formação do povo chicano e das condições atuais em que vive. Nesse sentido, sob a égide dos estudos pós-coloniais, a obra

rompe barreiras “constituindo uma nova estética pela qual os textos são interpretados ‘politicamente’, [baseando-se] na íntima relação entre o discurso e o poder”. (BONNICI, 2009, p. 257) Assim, a obra de Anzaldúa é palco de conflito e luta criados para suprir a resistência e romper as barreiras hegemônicas impostas pelos Estados Unidos e conscientizar os povos deste território acerca da pluralidade da cultura chicana.

Dessa perspectiva, a noção de fronteira corresponderia também à de sujeitos construídos sob diferentes signos de identidade, além da subjetividade que se torna a ideia de sociedade, visto que antigas noções de mundo começam a ser ressemantizadas, tornando-se temas cruciais da teoria contemporânea e, por extensão, de grande produtividade para a leitura da narrativa anzalduana. Com efeito, desde o título da obra, e dos subtítulos “Atravessando Fronteras / Crossing Borders”, até “The Homeland, Aztlán / El otro México”, da Primeira Parte e do primeiro capítulo da narrativa, respectivamente, Anzaldúa evoca sua condição de pertencimento, que se acentua em toda a Primeira Parte, sublinhando sobretudo a história de seu povo, mexicano, cuja origem remonta à lenda de um povo que viera de uma ilha chamada Aztlán – Lugar Branco ou Lugar das Garças – desde o início um lugar “edênico” originário de “Asteca” (Cf. ANZALDÚA, 199, p. 26)¹⁰

Também em paralelo, vem do escritor Douglas Diegues a tradução “cultural” da perspectiva “fronteriza”, ao sublinhar em apresentação de sua obra, que:

U portunholsalbaje [sic] es la língua falada en la fronteradu Brasil com u Paraguai por la gente simples que increiblemente sobrevive de teimosia, brisa, amor al imposible, mandioca, vento y carne de vaca. Es la lengua de las putas que de noite vendem seus sexos en la linha de la fronteira. Brota como flor de la bosta de las vakas. Es una lengua bizarra, transfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente. Pero tiene una graça salvaje que impacta. Es la lengua de mia mãe y de la mãe de mis amigos de infância. Es la lengua de mis abuelos. Porque ellos sempre falaram em portunhol salvaje comigo. Us poetas de vanguardia primitivos, ancestrales de los poetas contemporâneos de vanguard aprimitiba, non conocían u language poético, justamente porque ellos solo conocian un language, el language poético. Con los habitantes de las fronteras du Brasil com u Paraguay acontece mais ou menos la misma coisa. Ellos solo conocen u lenguaje poético, porque ellos no conocen, non conhecem, otro lenguaje. El portunhol salvaje es una música diferente, feita de ruidos, rimas nunca bistas, amor, água, sangre, árboles, piedras, sol, ventos, fuego, esperma. (DIEGUES, 2007, p. 3)¹¹

Entretanto, quero chamar para a nossa leitura aqui, em especial, a obra

América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos (2013), da brasileira Rosana Rios, particularmente por sua proposta de resgate de narrativas de diversos povos nativos – Algonquin, Apache Jicarilla, Asteca, Quicgé, Inca, Juruna, Tsimshian do Alasca, Yukon, Dakota Sioux, Aymara, Xerente, Mapuche Picunche, Mundukuru, Chibcha, Maia, Iroqueses, Bororo, Kamayurá, Tolteca, Aruak, Navajo, Inuit, Lakota Sioux, Taulipâng, Guarani, Maia Quiché e Cakquichel, Tewa, Ute, Yupik, Caddo, Chippewa, Yokut Tachi, Maia, Sioux White River e Nandeva (Apapocuva) – , numa constatação de um legado cultural de centenas de povos pré-colombianos.

Logo, fixar o foco nessa condição histórica (a chegada de Colombo, em 1492, bem como na de outros navegadores), interessa sobremaneira na leitura que realizamos desses textos. Importa sublinhar, na obra de Rosana Rios, sua apresentação em um título introdutório, “As culturas do novo mundo”, ao qual se seguem os outros títulos que acabam dando a configuração e enfeixe da obra *per se*: “Um mundo escuro e coberto pelas águas”; “De onde vieram todas as coisas?”; “Caminhos dos heróis”; “Aqueles que têm poder”; “Artes de enganar”; “Herdeiros da morte”. A proposta da escritora em demonstra coerência ao longo de toda a obra, evocando aqui e ali o fio condutor que brota desde o título e pelos entrecchos da narrativa como um todo, através de um enunciado que lembra ao leitor tratar-se de um universo de discurso peculiar, fabular, dos quais uma passagem é por si só representativa: “A partir daí, o mito se confunde com a história e com muitas outras lendas.” (RIOS, 2013, p. 139). Atrelado à moldura de uma narrativa que, ao mesmo tempo em que descortina um “mundo novo”, fabular, mítico, finda atando o leitor aos elementos da narração literária e de aspectos vitais da arte da memória, ou da história das ideias, do complexo cultural dos continentes americanos e dos povos ameríndios. O tema fundamental da obra procura recuperar, a partir das inúmeras narrativas míticas, o subtexto da oralidade recolhida de diversos povos de etnias ameríndias. A presença do elemento fantástico e do maravilhoso advêm na consecução do propósito de um narrador que reconta “histórias locais” com o objetivo recorrente de contrapor aos feitos da colonização uma diversa e nuançada narração, que não só corre em paralelo à história do colonizador, mas, principalmente, age de modo subliminar na recolha de um outro modo de contar a história e em especial dar voz e fazer falar variados agentes dos povos indígenas, em uma modalização da civilização ameríndia. A obra caracteriza-se como sendo texto de um narrador autor que visa a recolher e narrar histórias que se colocaram à margem dos relatos oficiais. Assim, interessa destacar as palavras à guisa de introdução da obra, sob o título “As culturas o novo mundo”:

No dia 3 de agosto de 1492, uma sexta-feira, o navegador genovês Cristóvão

Colombo partiu de Palos de la Frontera, na Espanha, com três navios. [...]. Claro que sempre houvera lendas sobre terras míticas naqueles mares: ilhas maravilhosas, utópicas, terras abençoadas onde os males não existiriam e seria sempre verão. Mas as terras avistadas não tinham nada de míticas. (RIOS, 2013, p. 9)

Ilustra, ao expandir a passagem, uma nota de rodapé que informa acrescentando: “Os irlandeses, por exemplo, acreditavam na existência de uma ilha no Atlântico que chamavam de Hy-Brasil. Seria uma terra fantasma que só apareceria a cada sete anos.” (Idem). É curioso observar que, em um dos relatos que compõem a coletânea de histórias, intitulado “Macunaíma”, encontram-se significativas relações culturais entre as façanhas deste herói mítico, “o que trabalha à noite” (p. 173), com suas muitas aventuras, e a conhecida obra do modernismo brasileiro, escrita por Mário de Andrade. Decerto que, desta lenda, provinda da língua dos povos Macuxi, inspirara-se a verve do nosso escritor e bem fundo a caracterização do herói que tipificaria a cultura brasileira:

São muitas as aventuras de Macunaíma. [*O nome Macunaíma, às vezes grafado Makunaima, significa, na língua dos Macuxi, 'o que trabalha à noite'*]. Às vezes herói, às vezes xamã, às vezes criador de gentes e de coisas, Macunaíma sempre era esperto, alegre, teimoso como ele só, e sabia muito bem se safar das encrencas. [*Várias das aventuras de Macunaíma foram recolhidas entre os povos indígenas pelo pesquisador alemão T. Koch-Grunberg. E relacionadas em seu livro Do Roraima ao Orinoco; depois essas narrativas, e outras, seriam incorporadas por Mário de Andrade em sua obra Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, publicado em 1928.*] (RIOS, 2013, p. 173). (Grifos da autora)

Noutro relato, intitulado “O fim do mundo”, narra-se o mito de *Maka Sicha*, a história de uma mulher “tão velha que seu rosto se parece com uma noz enrugada.” (p. 235); vivia numa caverna, sentada, há mais de mil anos, e sua missão era tecer uma cobertura utilizando-se dos espinhos de porco-espinho, que ela os amaciava com os dentes antes de tecer:

Essa forma de tecer mantos é antiga, é a forma usada pelos ancestrais, há muitos séculos. Junto a ela descansa seu cachorro, lambendo as patas, e olhando para a velha mulher. Seu nome é Shunka Sapa, e ele é um enorme cão negro. A alguns passos do ponto em que ela tece seu manto, junto ao fiel cachorro crepita uma fogueira. A mulher acendeu esse fogo há mais de mil anos e o mantém aceso desde então. Sobre o fogo há um grande pote de barro pendurado. Ele também é do tipo antigo, feito da maneira que os povos nativos faziam antes que os invasores trouxessem

seus potes de metal. Dentro do pote, ferve uma sopa de frutinhas, o *wojapi*. É uma sopa perfumada, boa e espessa, doce e vermelha. Ela ferve e reerve naquele pote por muito, muito tempo, desde que o fogo foi aceso. De tempos em tempos, a estranha mulher se levanta e vai mexer o *wojapi* no pote de barro, para que não queime. Como ela é muito velha e frágil, demora bastante tempo para fazer isso. E, enquanto ela se levanta, dando as costas ao seu trabalho de tecelagem e indo até o fogo, Shunka Sapa, o grande cão negro, aproveita e puxa o fio que prende os espinhos à manta já tecida. (RIOS, 2013, p. 236). (Grifos da autora)

O desfecho, surpreendente, é que a pobre velha acaba sempre tendo sua manta desfeita, condenada portanto a reiniciar a missão por toda a eternidade. O paralelo com a tarefa de Penélope, esposa do herói Ulisses, não pode ser ignorado em nossa história, cultura e literatura ocidentais. Ao revisitarmos a personagem Macunaíma, emblemática para a cultura ameríndia, a Guiana e América do Sul, ela (a)parece embrionária na obra de Mário, que a revela como um mito brasileiro e caracterizando o ícone criador da identidade híbrida brasileira. A própria obra de Mário de Andrade, em especial pela abordagem do mito “Macunaíma”, avulta em aprofundada repercussão histórica, na medida em que viria a ser remodelada em suas ligações de fato, como numa rede de intrigas, de intertextualidades, e sugerindo sua apropriação pela narrativa de *A história do ventríloquo*, da escritora americana Pauline Melville (1999). Logo, assim como o rio Uraricoera, que se localiza no estado de Roraima, unindo-se ao Tacutu e ao Branco, corre para terras guianesas, também correm as águas do mito. Consta que o tradutor de *Macunaíma* para a língua inglesa, E. A. Goodland (1984), tendo mudado para a Guiana em 1958, onde conhece a realidade ameríndia e convive com a família Melville, a qual lhe introduz no mito e na obra de Mário, tornando-o responsável pelo sucesso do mito, bem como pela origem do livro de Melville, uma vez que ao dedicar a tradução da obra à Edwina Melville, professora em Georgetown e parente de Pauline Melville, registrou: “Esta tradução é dedicada a Edwina Melville que me apresentou a *Macunaíma* ao pé da montanha chamada de ‘A base da árvore da vida’ “. (Cf. BARZOTTO, 2012, p. 86-87) De resto, o livro de Rosana Rios sintetiza os “Muitos mitos nativos [que] foram registrados por missionários cristãos, que recolheram as histórias dos indígenas apenas para provar o quanto elas estavam ‘erradas’ “ (RIOS, 2013, p. 12)

Também, como seleção de leitura e de confronto com a perspectiva teórico-crítica em análise, tomamos às mãos a obra de Jimmy Gordon Bull, particularmente o título *Legado de piratas* (2010)¹², anunciando desde logo um autor e texto sanandresanos: “San Andrés, Providencia y Santa Catalina están situados

estratégicamente en el Caribe Centroamericano rodeado por Panamá, Costa Rica, Honduras, Belice y Guatemala”. No mesmo relato, continua o autor historiador:

Por su posición estratégica jugaron un papel importante e la época más floreciente y dorada de la piratería en las Américas entre 1655 y 1668. Primeramente la piratería en las Américas era de dominio de los españoles y franceses, pero a partir de 1633 la historia cambia totalmente esta película de largometraje. Los ingleses entraron en acción capturando a Jamaica o *Xamaica*, como su primera colonia en las Américas imponiendo como su primero gobernador al inolvidable Thomas Modyford quien ejerció una férrea autoridad sobre los territorios recién conquistados. [...] El pirata Edward Mansfield trabajó incansablemente para a coroa británica, [...], my cerca com el más destacado de todos los piratas que estaban a la orden del Rey Carlos II de Inglaterra, [...] “el legendario Sir Henry Morgan, quien fundó y formó la poderosa Confederación Corsaria jamaíquina de Port Royal, en la que se lograron contabilizar más de 5.000 piratas, algunos muy destacados y otros bandidos y de poca monta. (Cf. BULL, 2010, contracapa)

Como relata Bull, à medida que os atos de pirataria começam a cessar no mar Mediterrâneo, o projeto colonizador e de exploração desloca-se para o mar do Caribe e das Antilhas. Os lugares paradisíacos passam a ser Cuba, La Hispaniola, Puerto Rico, Sotavento, la isla Tortuga, Jamaica o *Xamaica* como chamaram a ilha os *arahuacos*, primeiros habitantes. (BULL, 2010, p. 6) A era dos novos piratas, a serviço da Coroa inglesa, francesa e holandesa, entra em cena, quando galeões e veleiros promovem a destruição de grandes cidades como Cartagena, Colômbia, epicentro de grandes movimentos comerciais. De tal forma que, esta crônica da fundação, comandada por um pirata, *Sir Henry Morgan*, rico e famoso por suas crueldades, teve cinco fragatas aparelhadas com mais de duzentos canhões e mil e duzentos homens:

El gobernador francés de las Islãs Tortugas llamó al pirata y le dio el comando de cinco fragatas artilladas con más de doscientos cañones y mil doscientos hombres, para hacer pillaje en alta mar a los galeones españoles que surcaban los alrededores de la isla de la *Hispaniola*, normalmente la última parada que hacían para el cruce del Atlántico hacia el Mediterráneo. (BULL, 2010, p. 11)

E, assim, Bull segue a crônica de horror registrando a pirataria e pilhagem da Coroa no mar do Caribe, cuja narrativa descreve em tintas toda a crueldade:

Arrancaba los ojos a los españoles y nativos com filosos cuchillos de forma de yagatán.

Así mismo les arrancaba los testículos a los hombres y los asaba sobre la parrilla para dar de comer a las mujeres aterrorizadas, a quienes violaba junto a sus seguidores, para luego arrancarles la lengua para alimentar a los perros salvajes. (BULL, 2010, p. 11)

Já em *As oscuras, pero encendido* (2001), o escritor sanandresano reúne textos publicados ao longo de treze anos, onde a tônica principal é o relato denúncia da população raizal sanandresana, cuja identidade fora espoliada em e desde a sua própria terra. Como preconiza em “Una sociedad raizal débil”:

Creo que empiezo a salir del mutismo y a entender por qué es que me duele tanto la situación de mi pueblo raizal sanandresano. Estamos aproximándonos al Siglo XXI y no veo futuro para a juventud raizal nativa que está sumida, buena parte, en la drogadicción. Lo primero que me viene a la cabeza es la la gran pregunta: De quién es el centinela que ronda a esta juventud enferma? Qué podemos hacer por ellos? Y cómo lo podemos hacer? Cómo podemos darles seguridad a nuestros hijos para un mañana mejor, sin ninguna preparación intelectual y cultural. (BULL, 2001, p. 7)

A partir daí, Jimmy Bull continua sua extensa e vibrante narrativa, *Legado de piratas*, recuperando significativos relatos de historiadores orais sanandresanos (Brandt Linziel, dentre outros), informando, inclusive, que o nome dado em 1600 à Bahía de la Salvación fora atribuição do capitão Morgan, o qual “había perdido parte de la carga que lo acompañaba por culpa del huracán. El historiador *Bandt Linzel* anota que fueron seis fragatas repletas de oro y plata y otras riquezas las que fueron a dar al mar.” (BULL, 2010, p. 51). Em relação ao mesmo capitão Morgan, Jimmy Bull registra a enfermidade, uma gangrena, que o acometeu meses depois, sendo tratado e salvo por uma curandeira, “La curandera de Mo Bay”: descrita como uma bruxa, esta curandeira exercia suas cerimônias do ritual “vudú” (la *pocomanía*) e invocava os espíritos com suas crenças animistas, – rito que se estendia por todas as Antilhas, além de outros ritos similares nas ilhas periféricas. Em seguida, evocamos o último dos relatos de *Legado de piratas*, intitulado “La destrucción de Port Royal” (BULL, 2010, p. 102), cujo título e citação, esta em linhas finais do livro, bem sintetizam tanto a queda quanto o “legado” da pirataria nas Américas, que assim culminaria estrondosamente no seu vaticínio:

El 25 de agosto de 1692 lo que no pudieron hacer los españoles, los franceses, holandeses, portugueses y muchos otros más, lo hizo un movimiento telúrico, un terremoto de casi ocho grados en la escala de *Ritcher*, que destruyó a la ciudad corrupta, Port Royal y entre sus escombros quedó en pie un pedestal con la figura

pintada de *Henry Morgan* que decia: “ *todo me ha salido bien en este mundo y también me defenderé en el otro*”. (BULL, 2010, p. 102) (grifos do Autor)

IV

Enfim, podíamos concluir que, tanto na obra de Rosana Rios quanto na de Jimmy Bull, deparamos com robustas narrativas “autóctones”, nascidas e comprometidas com o alvorecer dos povos nativos e pré-colombianos, ameríndios. A partir do arquipélago de San Andrés, o escritor Jimmy Gordon Bull realiza um resgate cultural desta região do Caribe Insular:

[...] un análisis de las cosas que normalmente suceden a diario en el archipiélago de San Andrés, Providencia y Santa Catalina, es difícil que vayamos a encontrar un norte y soluciones fáciles a la mayor parte de los problemas. Los obstáculos que hay en todos los charcos que tenemos que cruzar en el camino son infinitos. (BULL, 2001, p. 29)

Passagem essa que vai ao encontro da sombria expectativa do relato “Un nuevo milenio”, o qual deveria nos receber a todos com esta maravilha que Bill Gates conquistou para a humanidade:

La internet y la nevegación en el ciberespacio que revolucionará la vida de los seres humanos en todos os aspectos de su diario vivir. Hasta aquí todo bien perfecto. Pero si analizamos la situación y las perspectivas de San Andrés, Providencia e Santa Catalina nos daremos cuenta enseguida de nuestro porvenir dramático de suspensos, como en los largometrajes de Alfred Hitchcock. Vivimos a espaldas de las grandes realidades del mundo y de frente a nuestros propios problemas y somos zombis y estériles a la hora de resolver nuestros compromisos con as islas. (BULL, 2001, p. 19)

Com feito, as obras do escritor e historiador Jimmy Bull indicam diversas hipóteses de análise a partir de seu universo de discurso robustamente redesenhado. Seja como ponto de partida, introdutório “prólogo” escrito para *Meridiano 82 La ruta de la langosta* (2010), seja como copiosas narrativas cujos entrecijos se ramificam em diversíssimas histórias da colonização e civilização ameríndias, todas elas configuram em tela o compromisso com a história e com o seu tempo. Ou seja, o resgate cultural e religioso, atravessando pela tradição oral, faz emergir uma memória

ancestral que se volta para um grupo social e étnico, cujos costumes e manifestações coadunam-se com a época e a identidade de um povo. Como bem se lê no prólogo de apresentação à obra:

los relatos hechos por el historiador Jimmy Gordon Bull, [...] cubren unas décadas inolvidables para muchos, en especial de situaciones que han marcado la vida económica, social, cultural y religiosa, y de la política exterior de la región insular, inclusive. (BULL, 2010, p. 11)

Assim, em relação a ambos os escritores (Rios e Jimmy Bull) e às suas significativas produções literárias, pode-se reconhecer a constituição de um projeto artístico de notáveis originalidade e robustez. Aos mitos desses povos, superpõe-se um legado de piratas a serviço da Coroa, do colonialismo, em sequiosa pilhagem econômica e cultural. Vários pontos conectam as narrativas desses dois escritores, dentre os quais conflitos fronteiriços, que ressumam a intervenções epistemológicas fronteiriças enquanto chave de leitura-desleitura-desaprendizagem da “decolonização” como modelo de um pensamento e produção do conhecimento “decolonizadores”.

NOTAS

- ¹ Doutor em Literatura Comparada. Professor Titular de Literatura nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UFGD. Pesquisador do CNPq. Autor de *Nas malhas da rede: Uma leitura crítico-comparativa de Julio Cortázar e Virginia Woolf* (Editora UFMS, 1998), *O outdoor invisível: Crítica reunida* (Editora UFMS, 2006), *Fronteiras do Local: Roteiro para uma conceituação do regional sul-mato-grossense* (Editora UFMS, 2008) e *De Intertextos: Crítica comparada em literaturas de fronteira* (Life Editora, 2012), entre outros trabalhos.
- ² Publicado em *Transculturación Narrativa en América Latina. México, Siglo XXI, 1982, p. 11-56*. [várias passagens reproduzidas e traduzidas em *Literatura e Cultura na América Latina, Ángel Rama*. São Paulo, EDUSP, 2001. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores. Tradução de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparoto). Desta versão se transcreve a passagem citada].
- ³ Em nosso trabalho intitulado “Vozes do descentramento latino-americano” (SANTOS, 2014), desenvolvemos reflexão sobre a relevância do pensamento de Ángel Rama como representativo do discurso crítico que se constituiria acerca da América Latina.
- ⁴ A propósito, ver discurso crítico na América Latina em recentes trabalhos de Lisa Block BEHAR, “A invenção teórica do discurso crítico latino-americano” (1998); Lisa Block BEHAR, “Aventuras, desplazamientos y convergências transatlânticas: impressões contemporâneas de Jules Laforgue em Alemanha y Carl Brendel en Uruguay” (2013)
- ⁵ Tradução livre: Esta forma moderna e imperial de pensamento chegou ao seu fim. Mas nós conhecemos a ideia de que os Brancos têm conhecimento e os Indianos têm Sabedoria; os Negros têm experiência e os Brancos têm filosofia; o Terceiro Mundo tem cultura e o Primeiro Mundo, infelizmente, tem ciência vivaz e produtiva. E o que nós dizemos é que está na hora de começar a aprender a desaprender como apropriação, dentre outras, na

ordem da reaprendizagem.

- ⁶ Tradução livre: Os estudos pós-coloniais parecem habitar em uma pele diferente das nossas e na necessidade do modelo epistêmico da modernidade Eurocêntrica: a distinção entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento implica as noções de “estudo” e de “teoria”. Por esta razão, os estudos pós-coloniais não alteram os discursos internos inerentes à base e à essência da modernidade, assim, o progressivismo e o desenvolvimentismo, ambos estão implicados no prefixo “pós”. [...] E o conhecimento produzido a partir da ferida colonial não é um conhecimento que objetiva alterar as “disciplinas”, mas, ao contrário, “decolonizar” o conhecimento, desfazer as diferenças imperial e colonial, ontológica e epistemologicamente. [...] Aprender a desaprender confronta-nos (pesquisadores, intelectuais, estudantes, professores, profissionais de todas as áreas, servidores públicos e de corporações) com a necessidade de rompimento com a visão naturalizada de sociedade (a ideia de Humanidade, de felicidade e recompensa, numa estrutura vertical de poder), que foi criada no século XVI pelas monarquias e pelo cristianismo, assim transformado no projeto secular (secularismo) que trouxe a burguesia europeia e a Revolução Industrial para dentro do estado numa remodelação da economia. (TLOSTANOVA ; MIGNOLO. Capítulo I. Parte I: p. 31-59)
- ⁷ El argumento básico (casi un silogismo) es el siguiente: si la colonialidad es constitutiva de la modernidad, puesto que la retórica salvacionista de la modernidad presupone ya la lógica opresiva y condenatoria de la colonialidad [...], esa lógica opresiva produce una energía de descontento, de desconfianza, de desprendimiento entre quienes reaccionan ante la violencia imperial. Esa energía se traduce en proyectos decoloniales que, en última instancia, también son constitutivos de la modernidad. [...]. La decolonialidad es, entonces, la energía que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad, ni se cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidad. Si la decolonialidad tiene una variada gama de manifestaciones [...], el pensamiento decolonial es, entonces, el pensamiento que se desprende y se abre [...], encubierto por la racionalidad moderna, montado y encerrado en las categorías del griego y del latín y de las seis lenguas imperiales europeas modernas.” (MIGNOLO, 2007, p. 26-27)
- ⁸ Sobre ANZALDÚA, ver recente pesquisa do professor Igor KUDO (2015, 110 f.), que teve o prazer de orientar; já sobre as narrativas de Pauline MELVILLE e de Cristina GARCIA, ver a tese e trabalhos da professora Leoné Astride BARZOTTO (2011), (2012), (2013), respectivamente.
- ⁹ Ver: também sobre Anzaldúa, nosso trabalho, “Riscos de um bordado: a narrativa chicana em Borderlands, de Gloria Anzaldúa”. (SANTOS & KUDO, 2012)
- ¹⁰ Nas décadas de 60 e 70 do século XX surgiu nos Estados Unidos o Movimento Chicano pela busca de direitos sociais e políticos, conhecido como chicanismo, inflando a consciência coletiva de um povo, unindo-o para a militância por causas comuns. A partir desse movimento, os povos de origem mexicana passaram a se entender como uma identidade chicana e, como espaço discursivo, mantiveram-se na terra mítica de Aztlán. Esse espaço mítico-imaginário é a combinação de vozes dos chicanos que outros foram desprovidos de sua terra natal. (Cf. MALVEZZI, 2010, p. 40-41)
- ¹¹ ver: reflexões acerca da crítica “fronteriza”, para as produções artístico-culturais na América Latina, para as histórias locais, e em especial para a ideia de fronteira, formuladas por Edgar NOLASCO em tese de pós-doutorado: Perto do coração selbaje da crítica fronteriza (NOLASCO, 2013).

¹² Como referência particular, o livro do escritor sanandresano Jimmy BULL (2010) nos foi dedicado pelo próprio escritor, bem como as demais obras de que nos valem para esta reflexão: *As oscuras, pero encendido* (2001) e *Meridiano 82 la ruta de la langosta* (2010).

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. "Prólogo". In: RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 13-18.

ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horácio Quiroga*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La frontera: The New Mestiza*. 2nd ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999.

BEHAR, Lisa Block. A invenção teórica do discurso crítico latino-americano. In: MARQUES, Reinaldo ; BITTENCOURT, Gilda N. (org.). *Limiares críticos: ensaios de literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 11-26.

_____. Aventuras, desplazamientos y convergências transatlânticas: impressões contemporâneas de Jules Laforgue em Alemanha y Carl Brendel em Uruguay. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco; BARZOTTO, Leoné A. (org.). *Literatura Interseções Transversões*. Dourados: Editora UFGD, 2013, p. 121-137.

BARZOTTO, Leoné A. A construção da identidade cultural por meio do texto literário pós-colonial: Brasil e Guiana. In: PINHEIRO, Alexandra S.; BUNGART NETO, Paulo. (org.). *Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória*. Dourados;MS: Editora UFGD, 2012, p. 81-107.

_____. A representação de aura estrada em *The Lady Matador's Hotel*, de Cristina García. In: BITTENCOURT, Rita Lenira de F.; SCHMIDT, Rita Terezinha. (org.). *Fazeres indisciplinados: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p. 187-195.

_____. *Interfaces culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma*. Dourados;MS: Editora UFGD, 2011, 303 p.

BONICCI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005, p. 223-240.

BULL, Jimmy Gordon. *A oscuras, pero encendido*. 1 ed. Colombia: Todográficas Ltda, 2001, 154 p.

_____. *Legado de piratas*. 1 ed. Medellín; Colômbia: L. Vieco e Hijos Ltda. 2010, 102 p.

_____. *Meridiano 82 la ruta de la langosta*. Medellín; Colombia: L. Vieco e Hijos Ltda, 2010, 111 p.

COUTINHO, Eduardo Faria. A Literatura Comparada e o Contexto Latino-Americano. In: SANTOS,

Paulo Sérgio N. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados;MS: Editora UFGD, 2009, p. 27-39.

DIEGUES, Douglas. *Uma Flor na solapa da miséria*. Asunción; PY: Yiyi Jambo, 2007.

KUDO, Humberto Igor. *Neplanteros em Borderlands: A narrativa chicana de Gloria Anzaldúa*. (Dissertação de Mestrado). 110 f. Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura e Práticas Culturais. Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / Universidade Federal da Grande Dourados; Dourados;MS, 2015.

LLOSA, Mario Vargas. Ángel Rama: a paixão e a crítica. "Prefácio". In: RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-11.

MELVILLE, Pauline. *A história do ventríloquo*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MALVEZZI, Maria José Terezinha. *O eco da voz chicana expressa em singulares (des)caminhos e (des)contextualizações na rede pós-moderna*. Tese de Doutorado. 367 f. Ilbice-UNESP / São José do Rio Preto, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramón. [Comp.]. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 25-46.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

PALERMO, Zulma. De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: COUTINHO, Eduardo F.; BEHAR, Lisa B.; RODRIGUES, Sara V. (org.). *Elogio da lucidez: a comparação literária em âmbito universal; textos em homenagem a Tania Franco Carvalhal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004, p. 237-244.

_____. *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*. Córdoba-Ar.: Editora Alción, 2005a.

_____. Exterioridad / interioridad del conocimiento. "Sobre" / "en" América Latina. In: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. v. 7. Porto Alegre: ABRALIC, 2005b, p. 183-192.

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura. In: *Literatura e Cultura na América Latina*. (Flávio Aguiar & Sandra Gardini T. Vasconcelos, organizadores. Tradução de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparoto). São Paulo: EDUSP, 2001, p. 239-280.

_____. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ROCCA, Pablo. Las comarcas culturales latinoamericanas: discusión de una hipótesis Ángel Rama. In: JOBIM, J. L. ; REIS, L. (org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, 2005, p. 152-161.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Vozes do descentramento latino-americano. In: CRUZ, Antônio D.; ALVES, Lourdes Kaminsk; MERINO, Ximena A. D. (org.). *Imagens das Américas: interfaces sociais, culturais e literárias*. Cascavel: ed. EDUNIOESTE, 2014, p. 72-85. (Coleção: Confluências da literatura e outras áreas, v. 5).

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. ; KUDO, Igor. Riscos de um bordado: a narrativa chicana em *Bordelands* de Gloria Anzaldúa. In: GUERRA, Vânia Lescano; ENEDINO, Wagner Corsino; NOLASCO, Edgar. (org.). *Estudos de linguagens: Diversidade e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 131-146.

TLOSTANOVA, M. V. ; MIGNOLO, W. *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas*. Columbus: Ohio State University press, 2012, 281 p. Parte I, capítulo I: “The Logic of Coloniality and the Limits of Postcoloniality: Colonial Studies, Postcoloniality, and Decoloniality”, p. 31-59.